

O GALO

ANO XIII - Nº 03 - Março / Abril, 2001 NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

ADEMILDE FONSECA DELFINO

A carreira musical de Ademilde Fonseca começa exatamente no ano de 1942, com a gravação de *Tico-tico no fubá*, de Zequinha de Abreu, com letra de Eurico Barreiros, retirando do gênero chorinho o estigma de música exclusivamente instrumental e abrindo-o para os amplos recursos da voz humana. Este é um dos assuntos da entrevista que Ademilde Fonseca concedeu a O GALO, onde faz ainda importantes revelações da sua biografia, como, por exemplo, os motivos que a levaram a abraçar a carreira musical e como triunfou no meio musical carioca como a *rainha do chorinho*. O escritor Franco Jasiello escreve sobre as lembranças que a música de Ademilde Fonseca evoca de sua juventude na Itália. Ainda neste número, ensaios de Iracema Macedo, Nelson Patriota, Dorian Gray Caldas e Ivanaldo Oliveira dos Santos; contos de Bartolomeu Correia de Melo e Hudson Paulo Costa; poemas de Aldo Lopes, Nilson Patriota, Adriano Gray Caldas e Henri Michaux em tradução de Jarbas Martins, e crítica literária de José Lins do Rêgo.



03 Quem resiste a Dorian Gray?
Iracema Macedo

05 ENTREVISTA

Ademilde Fonseca (a rainha do chorinho, como é conhecida desde os anos 50), fala com exclusividade a O GALO sobre sua longa e profícua carreira musical desde os anos de infância em Macaíba e Natal, até a sua ida para o Rio de Janeiro, e o triunfo nacional com a gravação de chorinhos de Zequinha de Abreu, Waldir Azevedo etc. A cantora lembra ainda artistas com quem trabalhou, como Severino Araújo, Pixinguinha, Waldir Azevedo, Braguinha, César de Alencar, Dino Sete Cordas, entre outros, e anuncia o lançamento de novos discos, agora em CDs, que resgatam momentos importantes de sua carreira.



11 Alegoria e tragédia em *Os desencantos do diabo* - Nelson Patriota

13 Estória praieira
- Bartolomeu Correia de Melo

14 A viagem
Hudson Paulo Costa

15 Um certo Henri
Jarbas Martins

16 Testamento - Aldo Lopes

18 O xadrez e o conhecimento precisam da linguagem
Ivanaldo Oliveira dos Santos

19 Um Gogol brasileiro
José Lins do Rêgo

20 Coivara da memória
Dorian Gray Caldas

22 Correio do Galo/ Abandono
Adriano Gray Caldas

23 Lançamentos

24 No dia dos seus anos - Nilson Patriota

Uma artista no apogeu dos seus oitenta anos

Entrevistar Ademilde Fonseca, uma das glórias da canção norte-rio-grandense, é um projeto prioritário na agenda de qualquer repórter que cobre a área de cultura. E, ao mesmo tempo, um grande desafio. Não foi diferente com o editor deste periódico, que encontrou a cantora no apogeu dos seus 80 anos, irradiando a todos uma atmosfera de leveza, de harmonia interior, de plenitude, enfim, que é própria dos verdadeiros artistas. Outro traço visível de sua personalidade: o bom humor. ("Gosto de quebrar o gelo das pessoas", confessa a cantora). A entrevista que fizemos, e que contou com a participação do musicólogo Claudio Galvão, da Dra. Procília Fonseca da Cunha (sobrinha de Ademilde), e com os préstimos do fotógrafo Clóvis Tinoco, procura dar um retrato de corpo inteiro da Rainha do Chorinho (como a crônica musical trata Ademilde Fonseca desde os anos 50), com questionamentos que ajudam a entender a evolução da sua carreira desde os primeiros anos, em Natal, quando cantava amadorística e informalmente em rodas de amigos, até o lançamento nacional de *Tico-Tico no fubá*, com o conjunto de Benedito Lacerda, em 1942, que a consagrou com a característica inimitável de intérprete de um gênero musical que exige uma agilidade que está acima das possibilidades vocais da maioria dos cantores. O poeta Franco Jasiello escreve uma página de memórias sobre a época de sua infância na Itália, quando ouvia pelo rádio Ademilde Fonseca interpretando chorinhos.

O bloco de ensaios desta edição traz a poetisa Iracema Macedo: "Quem resiste a Dorian Gray?", e prossegue com "Alegoria e tragédia em *Os desencantos do diabo*", de Nelson Patriota, sobre a peça de Ronaldo Correia de Brito; o poeta e crítico Dorian Gray Caldas comenta o livro *Coivara da memória*, de Francisco J. C. Dantas e Ivanaldo Oliveira dos Santos, "O xadrez e a filosofia precisam da linguagem".

O poeta Jarbas Martins traduz o poema "Mon sang", de Henri Michaux, e escreve um curta apresentação desse 'eterno viajante da poesia', de origem belga e expressão francesa, cuja reputação internacional só tem crescido nas últimas décadas. O escritor Nilson Patriota revela-se poeta, num comovente poema dedicado à memória de sua mãe, Aldo Lopes, contista e poeta, toma liberdades com a poesia dos cantadores de viola em "Testamento", e o jovem escritor Adriano Gray Caldas estréia na poesia com *Abandono*.

As comemorações do centenário de Zé Lins do Rêgo prosseguem com a publicação da crônica "Um Gogol brasileiro".

O conto traz trabalhos de Hudson Paulo Costa e Bartolomeu Correia de Melo.

Ilustrações de Ester Ramos, Dorian Gray Caldas e Aucides Sales e fotos de Clóvis Tinoco contribuíram para a feitura de mais esta edição do GALO.

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Iracema Macedo, Dorian Gray Caldas, Franco Jasiello, Bartolomeu Correia de Melo, Hudson Paulo Costa, Aldo Lopes, Ivanaldo Oliveira dos Santos, Jarbas Martins, Adriano Gray Caldas, Aucides Sales e Ester Ramos.

Foto da capa: Clóvis Tinoco.
Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

E-mail do editor: nelson@digi.com.br

Quem resiste a Dorian Gray?

Iracema Macedo

“Sim, há uma terrível moral em Dorian Gray - uma moral que o impuro não está apto a enxergar, mas que será revelada a todos aqueles que têm a mente saudável. É um erro artístico? Temo que sim. É o único erro do livro.”

(Oscar Wilde)

Quem se depara com o Dorian Gray de Oscar Wilde (1854-1900), seja literariamente ou em alguma representação sua na vida real, conhece o sabor difícil e instigante dessa experiência. E hoje, mesmo depois de exatos cem anos da morte de Wilde, as questões suscitadas pela leitura de *O retrato de Dorian Gray* (1891) ainda desafiam nossa compreensão. Sua figura representa o despedaçamento da nossa vontade e liberdade de escolha, o aniquilamento de todo e qualquer valor como princípio de ação, seu furor narcisista nos atira contra nós mesmos e, dentro do código de valores em que está inserido, não há, para ele, outro nível de atividade senão a mentira, a trapaça, a hipocrisia. É o sedutor, o encantador que engana por prazer, o amigo trapaceiro que faz com que os outros se sintam os mais simplórios e idiotas dos seres humanos e é, ao mesmo tempo, aquele que se depara com o espelho de sua consciência e não consegue suportar esse confronto. É, a um só tempo, carrasco e vítima.

O mais difícil de suportar em Dorian Gray é talvez o fato de que sabemos que ele tem razão. Sabemos que a moral hipócrita dos valores da elite do final do século XIX tinha atingido o auge de seu niilismo e que ele representa em suas atitudes a inevitabilidade dessa decadência. E, por vezes, somos inclusive tentados a achar que a sua perversidade representa também uma saída, uma

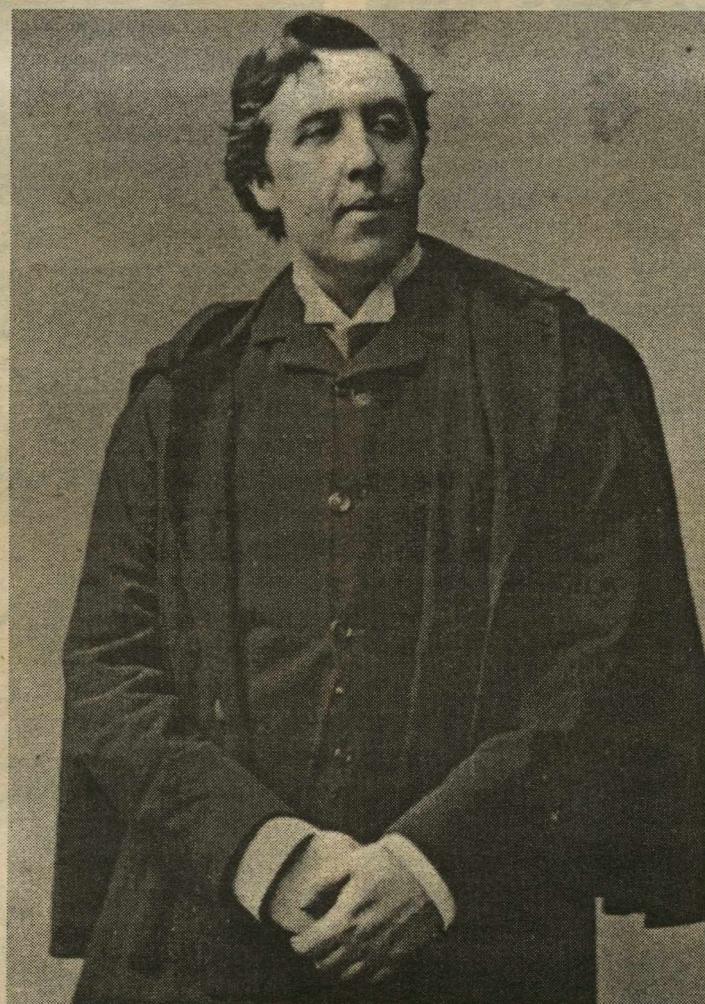
suposta liberdade, um desafio à moralidade dominante. Afinal, quem tem o direito de julgá-lo e em nome de quê?

No entanto, se observarmos atentamente, veremos que o Sr. Gray não está livre da moral e é tão escravo dos valores que desafia quanto o mais sincero ou o mais hipócrita dos moralistas. Suas ações só têm sentido porque se insurgem contra a moral, ele precisa dela para existir e se afirmar. Sua vida supostamente imoral não passa de uma sombra da moralidade. Que faria ele se não tivesse os valores morais contra os quais se insurgir, se não tivesse a quem enganar e de quem zombar para confirmar o narcisismo de sua consciência? Que faria se não tivesse a quem despedaçar? É evidente que precisa da cumplicidade da moral e que é tão dependente dela como todos os outros de sua classe.

A atmosfera de decadência e covardia que cerca Dorian Gray

e suas vítimas é um cárcere. E da mesma forma que, a um só tempo, ele é carrasco e vítima, suas vítimas também são seus cúmplices, todos compactuam com sua vaidade, ninguém tem coragem de enfrentá-lo, nem ele próprio. No final da trama, ele tenta transformar-se e constata a impossibilidade de seu gesto, tornara-se escravo de si mesmo, o narcisista acorrentado à sua imagem. Dorian Gray não se liberta e ninguém pode levá-lo à liberdade, nada pode tirá-lo de sua clandestinidade, da realidade sombria em que vive, de seu parasitismo em relação à moral. Imoralidade e moralidade são as duas faces de um determinismo absoluto, de uma escravidão. Sua suposta afronta à moral parece mais o testemunho de um fracasso, de uma derrota, de uma covardia.

Diante do esmagamento que o texto de Wilde nos provoca, não podemos deixar de questionar a possibilidade de resistir ao Dorian Gray que existe no outro ou em nós mesmos. O que essa resistência representa não significa uma submissão à moralidade mas tão somente uma questão de liberdade.



*“Depois de exatos cem anos da morte de Wilde, as questões suscitadas pela leitura de *O retrato de Dorian Gray* (1891) ainda desafiam nossa compreensão”*

Contra o determinismo que aniquila Dorian Gray, o século XX teria encontrado uma saída no corolário existencialista: "O homem é um ser condenado a ser livre" (SARTRE. *O Existencialismo é um humanismo*), ou seja, um ser condenado a escolher seus princípios de ação, condenado a escolher sua própria moral.

O Dorian Gray de Wilde não é livre para ser ele mesmo, não é livre para escolher suas próprias atitudes, não tem como assumi-las à luz do dia, não vive às claras e está sufocado, por isso precisa esconder sua consciência em um aposento escuro, sob uma cortina, e mostrar aos outros apenas a máscara afável de sua beleza.

Por outro lado, se não quisermos pensar em termos de liberdade, a questão se transfere para a antinomia entre clareza e sombra. O próprio Wilde nos dá em sua obra, na peça *Salomé*, proibida na Inglaterra e publicada pela primeira vez na França em 1893, um exemplo muito mais transparente de uma ação não contaminada pela moralidade. Em sua versão, Salomé, princesa da judéia, desprezada pelo profeta por quem se apaixonara, dança para conseguir a cabeça de João Batista em um prato de prata. A sua atitude, seja ou não fruto da liberdade de escolha, é assumida por ela em toda a amplitude de suas consequências. Não há sombras nos seus gestos. Não há remorso em sua consciência. Ela beija os lábios do homem que mandara matar. Dorian Gray, ao contrário, não suporta ver o homem que matou e precisa a

todo custo destruir o cadáver de sua vítima. Salomé se realiza, cumpre seu desejo, afirma-se no seu crime. Sua crueldade nada tem de fingimento, de perfídia.

Wilde traça um confronto nítido entre o paganismo sensual da princesa e a castidade do profeta, entre os valores corporais da sexualidade exuberante da dançarina e a pureza de João Batista. Na versão de Wilde para o tema bíblico, o profeta foi morto devido ao seu ascetismo, ao seu desprezo pelo prazer, pelo corpo, pela beleza da princesa. E essa mulher capaz de dançar sobre o sangue, capaz de mandar matar o homem que lesou sua vaidade, é fundamentalmente tão narcisista quanto Dorian Gray mas seu narcisismo é inocente. Ela possui uma inocência que ainda não atingiu a consciência moral, possui uma inaptidão natural para o remorso, para a culpa.

Salomé, sem o peso da moral sobre seus atos, despedeça sua vítima no âmbito da mais cristalina transparência. Dorian Gray é incapaz dessa transparência, é incapaz de libertar-se da moral e de se afirmar a si mesmo. Resistir à sua hipocrisia e à nossa própria hipocrisia é um difícil ato de liberdade. Descobrir se essa liberdade é possível é uma das mais difíceis conquistas da vida e do conhecimento.

Iracema Macedo é poetisa e doutoranda em filosofia na Unicamp. Escreveu, entre outros livros, *Lance de Dardos*.



Marquês de Queensbury (John Sholto Douglas), pai de Alfred Douglas e autor do processo judicial que destruiu a carreira de Oscar Wilde, levando-o a deixar a Inglaterra e buscar exílio na França.



"O próprio Wilde nos dá em sua obra, na peça *Salomé*, proibida na Inglaterra e publicada pela primeira vez na França em 1893, um exemplo muito mais transparente de uma ação não contaminada pela moralidade"

ADEMILDE FONSECA DELFINO

Poucos artistas têm um perfil tão bem definido no cenário da MPB quanto Ademilde Fonseca, intérprete sem rival do chorinho. Desde a sua gravação histórica de "Tico-tico no fubá", de Zequinha de Abreu, com letra de Eurico Barreiros, em 1941, consagrou-se como a *rainha do chorinho*. Em entrevista exclusiva a O GALO, ela lembra esse e outros momentos marcantes de sua carreira vitoriosa.

Foto: Clóvis Tinoco



“Tenho orgulho de ser do RN”

Nelson Patriota

O GALO – Sabemos que você é natural de Macaíba, RN, município que acaba de lhe conceder uma justa homenagem pelos seus serviços prestados à música popular brasileira. No entanto, encontram-se, até com certa freqüência, referências biográficas a seu respeito dando conta de que você é natural de Vitória de

Santo Antônio, em Pernambuco. Por que esse equívoco?

ADEMILDE FONSECA – Esse equívoco já existe há tanto tempo que acho difícil precisar exatamente o momento em que surgiu. Alguém talvez confundiu o nome Pirituba, lugarejo de Macaíba onde nasci, com Pernambuco, não sei. Sei que várias encyclopédias e obras especializadas em música popular brasileira incorreram nesse erro. Mas felizmente outras publica-

ções importantes do gênero estão registrando esse e outros dados sobre a minha vida corretamente. Com o tempo, espero que esse equívoco seja definitivamente corrigido, fazendo justiça a mim e a minha cidade natal, de que muito me orgulho, como também tenho orgulho de ser do Rio Grande do Norte.

O GALO – Você tem algum plano para corrigir esse equívoco?

A. F. – Não, acho que isso se aconte-

cerá naturalmente com o tempo.

O GALO – Como foi a homenagem em Macaíba?

A.F. – A Prefeitura de Macaíba gentilmente se lembrou do meu aniversário, e organizou uma grande festa, em que cantei muitas músicas do meu repertório. Foi maravilhoso. Se não fosse a chuva, teria sido mais maravilhoso ainda. Depois me ofereceram um jantar, com pessoas dos distritos vizinhos, e pessoas da sociedade de Natal.

O GALO – Você também se apresentou no Teatro Alberto Maranhão, dentro projeto Seis e Meia, da Fundação José Augusto, sendo homenageada com uma placa comemorativa nos jardins do Alberto Maranhão. Como foi a apresentação e a homenagem, que recaíram na data do seu aniversário, 04 de março?

A.F. – Sim, vim abrir a temporada desse ano do Seis e Meia. Foi uma noite maravilhosa, que correspondeu aos meus anseios. No tocante às pessoas que eu pude abraçar, abracei. Foi o que eu prometi, que era meu aniversário e não tive de relembrar esse fato. Muitas pessoas a gente não lembra de onde conheceu, que não foram aquelas pessoas que conviveram comigo. Mas antigamente, se eu chagasse aqui todo mundo tomava conhecimento, agora não, a cidade cresceu, está lindíssima! e fica mais difícil a comunicação se não for noticiada pela televisão e pelos jornais. A placa comemorativa à minha pessoa, no Teatro Alberto Maranhão, que está maravilhoso, foi uma coisa que particularmente me emocionou. Afinal, é muito bom a gente ser reconhecida em sua própria terra.

O GALO – Quando começou sua relação com a música?

A.F. – Acho que nasceu comigo, mas começou a se manifestar logo que vim para Natal, com quatro anos de idade. Eu não podia ouvir um violão que saía atrás para cantar. Eu cantava, as pessoas gostavam de me ouvir, e diziam: "Canta, preta" (eu era chamada de "preta" por ser a mais escura da família). Eu cantava, não tinha vergonha. Já tinha no sangue o gosto pelo choro, embora eu cantasse também outros gêneros, tipo canções de Orlando Silva, de Aracy de Almeida, de Odete Amaral e de outros artistas da época.

O GALO – Quando a música deixou de ser apenas um passatempo para você e se tornou uma opção de vida?

A.F. – Isso foi acontecendo naturalmente, ainda na minha juventude. Eu morava em frente a dois bons violonistas: José Lucas e João Lucas, que algumas biogra-

Topônimos trocados

Que semelhanças podem existir entre as cidades de Vitória de Santo Antão, no interior de Pernambuco, e Macaíba, município da Grande Natal? Por incrível que pareça, quando se trata da biografia de Ademilde Fonseca, o topônimo Macaíba vem sendo "trocado" com grande freqüência pelo pernambucano Vitória de Santo Antão.

Se tal estranha ocorrência se resumisse a um único exemplo, não passaria de um equívoco que, corrigido, não deixaria seqüelas de maior gravidade. Ocorre que esse "equívoco" vem se repetindo com tal regularidade, e partindo de fontes tão "abalizadas", que não pode deixar margem para dúvidas em quem as consulte, no caso de leitores leigos.

O referido "equívoco" foi detectado em pelo menos duas importantes fontes biográficas brasileiras da atualidade: a Encyclopédia Delta Larousse/Folha de S. Paulo e o Dicionário de Mulheres do Brasil, de Jorge Zahar Editor. E com fontes tão "autorizadas", qualquer dia desses poderemos ser surpreendidos com uma homenagem de Vitória de Santo



Antão a sua ilustre "conterrânea" Ademilde Fonseca, pelos relevantes serviços prestados à música popular brasileira... Como, aliás, fez, recentemente, o município de Macaíba.

Ademilde Fonseca é a vítima desse lamentável imbroglion de origem desconhecida, até o presente, mas cujo dano à cultura norte-rio-grandense é fácil de aquilar, porque nosso

Estado vê-se no inibido de exhibir ante os demais estados do país a paternidade da Rainha do Chorinho. Ou, no mínimo, ter essa reivindicação posta em dúvida. Em qualquer uma dessas situações, é vítima, juntamente com a cantora, de uma grande mentira que parece não ter mais pudor de se apresentar sob as vestimentas as mais respeitáveis, haja vista o respaldo que lhe empresta o saber encyclopédico! É hora de ser denunciado e desmascarado esse renitente "equívoco", para que a verdadeira origem da Rainha do Chorinho seja posta em pratos limpos: Macaíba, RN.

O Editor



Ademilde Fonseca numa apresentação em Natal, em 1975, fase em que a cantora já estava afastada dos palcos e só esporadicamente aceitava um convite para se apresentar. Como de costume, no show em Natal Ademilde lembrou seus velhos sucessos.



Uma das fotos datadas do arquivo de família de Ademilde Fonseca: Rio, 26 de novembro de 1955. Nessa época, a cantora já havia conquistado a Cidade Maravilhosa, que a consagrara como a intérprete sem rival do chorinho



Da esquerda para a direita: Procília Fonseca da Cunha (sobrinha de Ademilde), Armando Lousada Almeida (cantor), Ademilde Fonseca, Maria Amélia de Oliveira da Fonsenca (mãe de Ademilde), Celso Guimarães (locutor). Rio, 4 de março de 1960.

fias falam que eram da minha família. Não eram. Eram só amigos da nossa família e funcionários do jornal *A República*. Como morávamos em frente, eles me chamavam muito para cantar. E eu estava sempre cantando, ao pé deles. Com dezesseis para dezessete anos, se enturrou com eles o Naldimar Gedeão Delfino, que era um rapaz solteiro. Eu dei em cima dele para namorar, até que consegui fisiá-lo (risos). Ele era um aquariano muito calado, não dava confiança e eu resolvi quebrar o gelo dele. Aliás, eu gosto de quebrar o gelo das pessoas. Sempre fui assim, desde pequeno. Gosto de quebrar o gelo quando a pessoa não se comunica.

O GALO – E depois?

A.F. – Namoramos, casamos, tivemos uma filha em 1940, Eimar, que até cantou comigo no *Seis e Meia*. No ano seguinte fomos para o Rio, para tentar uma nova vida. Mas qual o quê! *Naldil* não queria nada com a vida, bebia, se divertia, mas não queria nada com trabalho. Vinha de uma família dona de muitas propriedades, terras, casas, mas nenhum filho trabalhava. Nunca me acostumei com aquele estilo de viver, por isso sofri muito. Mas mesmo assim, nosso casamento ainda durou oito anos. A princípio, eu não queria a separação, porque casamento, para mim, devia durar a vida inteira. E geralmente durava, naquele tempo. Diferente de hoje...

O GALO – Mas foi você quem tomou a iniciativa de se separar?

A.F. – Sim, fui eu.

O GALO – Não deve ter sido fácil, considerando a situação da mulher à época...

A.F. – Foi muito complicado. Mas para isso contei com a ajuda de um irmão e de uns primos que moravam no subúrbio carioca. Minha sogra também me deu muito apoio, era uma mulher maravilhosa.

O GALO – E como foi depois? O seu marido aceitou a separação?

A.F. – Ele não se conformava. Me ligava muito, colocando uma música de fundo bem romântica para ver se me comovia. Mas resisti. Eu já estava morando com uns parentes dele na Tijuca. Foram justamente essas pessoas que me apresentaram ao Renato Murce, na Rádio Clube, para que eu ingressasse no meio artístico carioca. A situação estava se tornando difícil, pois o dinheiro que mandavam de Natal já não dava mais para a gente se movimentar. Todo mundo sem

trabalhar, você imagina!

O GALO – E como foi seu primeiro contato com a rádio?

A.F. – Foi emocionante. Por lá eu conheci muitos artistas da época, Conheci o Ronaldo Amaral, o Trio de Ouro, artistas internacionais como José Mojica.

O GALO – Nessa época, você já tinha pretensões profissionais?

A.F. – Não, eu freqüentava a Rádio Clube para ver meus ídolos. Depois que passei a integrar o cast eu já não ia mais para os auditórios. Ia para trabalhar mesmo, para ensaiar, cantar. E lá se faziam programas. O César de Alencar era locutor e o Gastão do Rêgo Monteiro, que eram parentes da família do meu marido, não sei por que parte. E eu, por intermédio deles, fiz um teste na rádio e fiquei por lá um tempo. Todos os artistas tinham muita amizade ao pessoal da Rádio Clube. Um dia, o Déo, que era um cantor de sucesso, me perguntou se eu não queria ir para a Rádio Tupi do Rio. Nessa época, eu já tinha gravado o “Tico-tico no fubá”, do Zequinha de Abreu, com letra do Eurico Barreiros. Eu aceitei o convite e fui para a Tupi, onde fiquei por onze anos.

O GALO – E como foi a gravação de “Tico-tico no fubá”?

A.F. – Gravei “Tico-tico no fubá” em 1942, na gravadora Columbia, que tinha como diretor artístico o Braguinha, compositor já famoso naquela época. Quem me acompanhou na gravação foi o Conjunto Regional de Benedito Lacerda, que nem sabia que o choro tinha letra. Era um grande chorão, um grande compositor. A música estourou naquele ano, me consagrando como intérprete do choro.

O GALO – Dos músicos que lhe acompanharam naquela histórica gravação de “Tico-tico no fubá”, algum ainda vive?

A.F. – Só o Dino Sete Cordas. Quando eu encontro com ele, no Rio, digo: “Copacabana não está sabendo que está passando agora o maior violão do mundo. Tinha que ter um tapete vermelho aqui!” Ele já está com seus oitenta e poucos anos, e continua tocando esplendidamente.

O GALO – Já se cantava chorinho antes de sua gravação de “Tico-tico no fubá”?

A.F. – Não, até aquela época o choro era um gênero apenas instrumental. Por isso, a minha gravação teve uma repercussão enorme, porque era uma coisa inédita. Três ou quatro anos depois é que Carmen Miranda gravou “Tico-tico no fubá”, com outra letra, possivelmente de Aloísio de Oliveira, não tenho certeza. É tanto que



Foto tirada na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, sem data. Vêem-se, entre outros, Ademilde Fonseca (em pé, de frente) Linda Batista, Carmélia Alves, Lourdes Meyers, Dircinha Batista e Jorge Veiga.

existe uma polêmica sobre quem gravou o primeiro choro. Eu nunca pude teimar com isso, mas agora eu soube com certeza que Carmen Miranda gravou sua versão do “Tico-tico no fubá” quatro anos depois da minha gravação.

O GALO – Você conheceu Carmen Miranda?

A.F. – Não, não a conheci pessoalmente.

O GALO – Com que outros conjuntos você trabalhou?

A.F. – Trabalhei com Noites Cariocas, de Déo Rian, com Abel Ferreira, com orquestras também.

O GALO – Você gravou alguma coisa com a Orquestra Tabajara, de Severino Araújo?

A.F. – Sim, me apresentei em diversos programas de auditório com a Orquestra Tabajara.

O GALO – Você imagina que gravou quantas músicas?

A.F. – Umas duzentas. Em long plays,

eu gravei pouco porque quando chegou a época do long play já tinha acabado aquele movimento de auditório, e aí a gente perde um pouco de referência – do autor se encontrar com o compositor, com os fãs – surgiram outros gêneros: rock, twist, iê-iê-iê, a bossa nova, a jovem guarda, a tropicália...

O GALO – Mas você não ficou só no choro. Você gravou outros gêneros.

A.F. – Gravai até uma balada do Domenico Modugno, que é uma balada maravilhosa, “Io”, e do outro lado “Na Baixa do Sapateiro”, de Ari Barroso, na Odeon. O primeiro disco foi na Columbia, depois Braguinha saiu e montou a própria companhia dele, que era a Continental, que existe até hoje, mas não é mais dele. Depois, fundaram a “Toda América”, é onde eu tenho um trabalho que já tem três Cds na rua, remasterizados de antigos discos.

O GALO – Você tem gravações pela “Revivendo”?

A.F. – Meu trabalho pela “Revivendo” é misto. É com Jacob do Bandolim e Waldir Azevedo.

O GALO – E quando você lançará um novo disco?

A.F. – O novo disco já tem data: 12 de abril. É um CD com entrevista e canto, onde despejo todo o sentimento, conto um pouco da minha vida. É de um programa de Fernando Faro, em São Paulo, que foi transformado em disco.

O GALO – Algum novo show?

A.F. – Vai ter, sim. Vou cantar na “Rua do Choro”, no bairro do Bexiga, em São Paulo, no dia 7 de abril.

O GALO – Quais os seus maiores sucessos?

A.F. – “Tico-tico no fubá”, de Zequinha de Abreu e “Sonoroso”, de K-ximbinho, autor daqui. Depois gravei dele também, com letra de Del Loro, “Sonhando”. Depois “O que vier eu traço” e “Galo garnisé”, do Antônio Almeida, em 52. Também gravei “Urubu malandro”, de Pixinguinha, “Pedacinho do céu”, de Waldir Azevedo. A propósito, lembro que quando Waldir Azevedo compôs “Brasileirinho”, chegaram para mim com a letra para eu cantar e eu disse: “Isso é muito difícil, não tá vendo que eu não vou cantar uma música dessa?”. Mas depois eu vi que foi possível. Se eu tinha gravado outros choros... “Delicado”, de Waldir Azevedo atravessou o carnaval no ano em que foi gravado.

O GALO – Fale um pouco de sua viagem à Europa. Onde você se apresentou por lá?

A.F. – Eu fui a Lisboa em 1964, com o Francisco Egídio, inaugurar uma casa de shows na rua Duque de Pamela.

O GALO – e como foi a recepção dos portugueses ao chorinho?

A.F. – Foi muito boa. Mas acho que fui na época errada. Eu devia ter ido muito antes. Eu era um sucesso muito grande por lá, mas não sabia, nunca fui informada. Toda a vida fui muito desconfiada. Parece até que sou mineira!

O GALO – Você se apresentou em outras cidades européias?

A.F. – Cantei em Paris, mas numa festa de sociedade. Naquela época, a França estava muito fechada. Só tinha chance para os franceses. Assis Chateaubriand levou a Orquestra Tabajara de Severino Araújo, Elisete Cardoso e eu. Foi uma festa grandiosa, em todos os sentidos.

O GALO – Você participou de filmes?

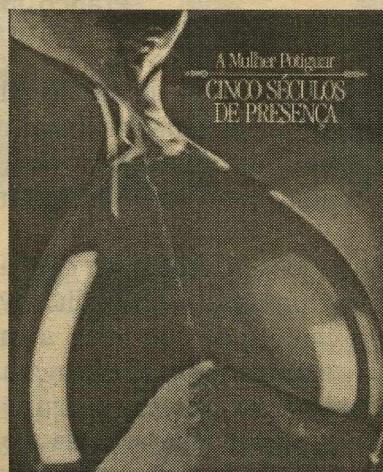
A.F. – Participei de alguns filmes nacionais, cantando músicas de carnaval. Participei de “O batedor de carteiras”, com

Essas mulheres ousadas...

Entre as mulheres que se sobressaíram em 500 anos de história potiguar, Ademilde Fonseca é aquela que é capaz de “malabarismos vocais nunca alcançados por nenhuma intérprete da música popular brasileira”, como destaca o libreto “Mulher potiguar – cinco séculos de presença” – trabalho da Fundação

José Augusto, que teve coordenação de Ana Amélia Fernandes e Hélio de Oliveira, e pesquisa complementar e redação final de Nei Leandro de Castro.

A galeria feminina de *Mulher potiguar* destaca o pioneirismo, a ousadia e o talento de outras tantas norte-rio-grandenses: Clara Camarão, a índia guerreira; Clara de Castro, a destemida; Ritinha Coelho, um gesto para a história;



Nísia Floresta, intelectual e pioneira; Isabel Gondim, a educadora; Ana Floriano, rebelde e valente; Auta de Souza, altos vôos do lirismo; Maria Madalena Antunes, sinhá-moça e escritora; Maria do Santíssimo, a arte primitiva e bela; Palmira Wanderley, uma tradição de poesia; Alzira Soriano, a primeira prefeita do Brasil; Júlia Alves Barbosa, pioneira e líder; Celina Guimarães, a primeira eleitora; Maria do Céu Fernandes, a primeira deputada; Lucy Garcia nas alturas; Noilde Ramalho, total dedicação ao ensino, Militana do Nascimento, a romanceira; Myriam Coeli: pioneirismo, delicadeza, poesia; Zila Mamede, a poesia e o mar absoluto; Luzia Dantas: a arte popular em madeira; Magnólia Figueiredo, a recordista; Virna, a colecionadora de títulos e Fernanda Tavares, a top model.

Zé Trindade e “Quanto mais quente melhor”. Neste, toda a trilha sonora é cantada por mim, com direção do Carlos Manga. Foi aí que eu conheci o Manga. Um grande diretor, e muito exigente. Eu gosto, pois gosto de trabalhar com gente que puxa você para cima.



Foto que Ademilde Fonseca tirou em Natal, no ano de 1949, em férias, quando já havia conquistado seu lugar como intérprete do chorinho no meio musical carioca.

O GALO – Você também cantou na noite carioca?

A.F. – Não gosto de cantar na noite, mas cheguei a cantar na noite acompanhada por Altamiro Carrilho, na flauta. Esporadicamente, cantei em clubes.

O GALO – Você chegou a cantar nos Estados Unidos?

A.F. – Em 1984 abri a temporada do carnaval brasileiro no Hotel Adolph Astoria, em Nova Iorque, cantando “Brasileirinho” e “Tico-tico no fubá”.

O GALO – E como era o público?

A.F. – Era um público mesclado, tinha muitos brasileiros e americanos. Mas era uma festa muito animada, embora limitada às dependências do hotel.

O GALO – Ao longo de sua carreira, você teve contatos com artistas norte-rio-grandenses, compositores, cantores etc.?

A.F. – Infelizmente, não.

O GALO – Em 7 de agosto de 1938 houve uma apresentação de Chico Alves em Natal, e você também participou, cantando. O que você recorda desse evento?

A.F. – Eu guardo uma lembrança que me emocionou muito. Foi ali, no Teatro Carlos Gomes (Alberto Maranhão, hoje) que tudo começou.

Reminiscências da iniciação à música brasileira

Franco Jasiello

No mês de março próximo passado, o Teatro Alberto Maranhão pareceu renovar-se na fidalguia das linhas de sua arquitetura eclética (com alguns toques de Art-Noveau) para acolher um dos maiores fenômenos vocais da história da música popular brasileira:

Para quem não sabe, ou esqueceu, Ademilde que, aos 80 anos de idade, com sua interpretação, conseguiu levar ao delírio a platéia, foi e é a cantora de chorinho, a **música brasileira verdadeiramente universal**, que alcançou, uma técnica inigualável de respiração que lhe permite uma extraordinária rapidez – sem perder uma nota da melodia, uma batida do ritmo ou uma sílaba da letra – na formulação da frase musical com sua voz privilegiada que se torna, assim, um dos mais belos instrumentos.

No entanto, por ser a música, junto com os perfumes e o declínio das tardes, provocadora de evocações, Ademilde Fonseca trouxe-me à memória não apenas uma época distante, mas, por absurdo que possa parecer, um lugar distante, pelo menos geograficamente. A Europa e, da Europa, a Itália e, da Itália, Roma.

Início da década de 50. Cinco e meia da tarde, bruma invernal às janelas e as primeiras manchas da noite cobrindo o último reflexo de luz nos tijolos vermelhos dos prédios romanos. Do rádio, circundado por meia dúzia de jovens estudantes, contando comigo, sai o tema-sigla musical do

programa que, quotidianamente, a RAI transmite. As notas de *Delicado*, de Waldyr Azevedo, transformam o silêncio de cada um, na sala aquecida pelo calorífero, em mornas fantasias tropicais.

Assim começou minha iniciação à música popular brasileira. Através de um programa da RAI que colocava no ar, entre outros, Pixinguinha e *Os oito Batutas*, Ademilde Fonseca e Zequinha de Abreu, Dalva de Oliveira e Herivelto Martins, Ernesto Nazareth e Jacob do Bandolim (com o nome de Jacob Pick Bittencourt). Não raro, *O Bando da Lua*.

Antes, a música brasileira, para mim (e não só para mim) era representada por *Aquarela do Brasil (Brazil)*, *Na Baixa dos Sapateiros (Bahia)*, *Mamãe Eu Quero* e *Chiquita Bacana* com as quais gastei muitas solas de sapatos rebolando-me, certo de dançar samba, como uma ridícula versão masculina de Carmen Miranda que, diga-se uma vez por todas, era não só a grande, mas a única mensageira de algo parecido com a música do Brasil apesar da caricatura hollywoodiana.

O resto provinha da trilha sonora dos filmes da “Política da Boa Vizinhança”, de Walt Disney.

Esse programa radiofônico da emissora italiana provocou, talvez, o primeiro sinal de amor por um país que, então não sabia, tornar-se-ia definitivamente meu.

Naquela época nunca poderia imaginar que viria a conhecer pessoalmente Waldyr Azevedo, Pixinguinha e tantos outros.

Principalmente, não poderia imaginar que o som de cavaquinhos, bandolins, violões e flauta guiariam meus passos na garoa noturna até os quintais da Barra funda, em São Paulo onde, ouvindo os *chorões*, me esqueceria do caminho de casa enquanto houvesse ainda uma nota musical no ar.

O que mais nos fascinava, naquela meia-hora de belíssima música, às portas da noite romana, era a riqueza da linha melódica, uma certa jocosidade dramática de execução e interpretação, apesar do virtuosismo, e a variedade dos temas.

Todos eramos apaixonados pelo jazz e descobrimos pontos de contato entre o chorinho e o estilo New Orleans.

Ouvíamos o clarinete de Sideny Bechet tocando *Petit Fleur* e encontrávamos semelhança de estilo em Pixinguinha.

Muitos anos mais tarde, em uma mesa redonda, na Fundação José Augusto, em Natal, aventei a hipótese de Pixinguinha ter conhecido Sidney Bechet em Paris, quando ambos lá estiveram na década de “20.

A música brasileira e o Brasil, paradoxalmente, plantaram suas raízes em mim do outro lado do oceano e floresceram ouvindo e vendo Altamiro Carrilho, na Rua Avanhandava, *chorões* anônimos nos *inferinhos* da Montmartre paulista, na Rua Rêgo Freitas, na Vieira de Carvalho e Ademilde Fonseca em programas de auditório.

Imergindo-me na Lapa carioca atraído pelas notas de *Brasileirinho* saindo pela janela aberta e iluminada do andar superior de um sobrado decisamente mal freqüentado.

A última vez, na época, que a RAI colocou no ar o programa com o *Delicado* como sigla, ouviu-se, pela primeira vez, uma música que causou, em todos, uma emoção profunda pela beleza da interpretação. Era *Ave Maria no Morro*, de Herivelto Martins, cantada por Dalva de Oliveira. Na época, o

cantor napolitano Roberto Múrolo gravou essa música, em português, por achá-la extraordinária.

Conheci pessoalmente Dalva de Oliveira, em seu áuge, quando eu ainda era turista, em São Paulo, e seu grande sucesso era Calú.

Não acredito que se, em vez de *Delicado*, a sigla do programa radiofônico fosse *O Tchan* ou *O Tigrão* nasceriam em mim as raízes que nasceram e os homens de boa vontade entenderiam minhas razões.

Franco Jasiello é poeta, Professor de História da Arte da UFRN e Crítico de Arte da ABCA e da AICA.



“Ademilde Fonseca trouxe-me à memória não apenas uma época distante, mas, por absurdo que possa parecer, um lugar distante, pelo menos geograficamente”

Alegoria e tragédia em OS DESENCANTOS DO DIABO

*"Eu pergunto o sentido de viver
o zodíaco traçado no inferno"*

Méfi

Nelson Patriota

Diferentemente de outros que se contentam em assinar obras cênicas, independentemente de que tenham maior ou menor valor estético, Ronaldo Correia de Brito é um teatrólogo que pensa o teatro. E quando o assunto é o teatro nordestino, chega a ser propositivo. Em sua opinião, o teatro nordestino deve ter, entre outras, as seguintes características: manter um dialogar permanente com o teatro universal, olhar ao seu redor sem preconceitos e idéias fixas, e se apropriar não das sobras, mas das iguarias finas servidos à mesa da cultura. E sem parcimônia. É que Ronaldo de Brito quer um teatro arejado, mas capaz de falar principalmente a platéias urbanas, exigentes e críticas. Seu receituário (trata-se, aqui, de um médico/escritor) é, sob esses aspectos, antitradicionalista, diríamos mesmo anti-armorialista. E sob determinado aspecto, essa postura *rebelde* desponta como um fato positivo, na medida em que traz, se não a divergência, ao menos a diversidade, para a cena por demais saturada de caatingas, Joões Grilos e brasões armoriais em que se transformou o teatro nordestino, tendo à frente um único Quixote para uma legião de escudeiros pouco afeitos ao exercício da crítica.

O público natalense foi brindado com a estréia nacional do novo trabalho teatral de Ronaldo de Brito – *Os desencantos do diabo*, – no Teatro Alberto Maranhão, em fevereiro último, numa produção que mobilizou diversas instituições culturais, não só do Nordeste, (entre elas, a Fundação José Augusto, através de seu Centro Experimental de Formação e Pesquisa Teatral de Natal, RN), mas também do exterior, como o Festival Internacional de Teatro da Guarda e Marionetes de Lisboa/Portugal. A direção ficou a cargo do experiente Moncho Rodriguez que introduziu os elementos cênicos necessários à

dramatização do espetáculo, contribuindo decisivamente para acrescentar leveza ao universo imerso em sombras do inferno imaginado por Ronaldo de Brito.

E o resultado foi de surpresa, arrebatamento e... perplexidade. De acordo com as posições em que se dividiu o público. A presença de diabos, marionetes e globos móveis sob um fundo parcamente iluminado – estratégia “diabólico” de Moncho – causou estranheza. Espectadores habituados ao teatro global, subproduto tardio das novelas das oito, não poderiam reagir de outro modo.

O outro público tentou compreender o espetáculo, ao invés de apenas *vê-lo*. E a pergunta que perturbava com insistência ambas as categorias de público, era: Afinal, o que pretende um autor colocando no palco um bando de diabos, num diálogo repleto de alusões filosóficas, literárias, mas também entremeado de *gags* e chistes da época?

Talvez a forma mais simples de entender *Os desencantos do diabo* (mas são vários diabos em cena!) seja encará-los como alegoria: por trás de cada diabo-personagem entenda-se um homem. De outro modo, como aceitar versos de Shakespeare, referências ao drama de Tristão e Isolda, aforismos heraclíticos nas suas falas? *De te fabula narratur* – (a fábula fala de ti) – era como os romanos interpretavam as invenções dos seus poetas. O longo poema cênico urdido por Ronaldo de Brito e materializado no palco por Moncho Rodriguez fala, sim, a cada um de nós, porque a ânsia amorosa, as desventuras da paixão e a morte de Margot, – a diaba que troca a eternidade estéril dos seres infernais pela plenitude passageira do amor humano – falam de uma experiência humana radical: a vivência do amor que, de algum modo (também aos olhos dos



Beto Vieira vive o personagem Méfi, insólito avatar de diabo perseguido por dramas metafísicos e uma desesperada fome de amor

inconsoláveis diabos) redime a transitoriedade da vida humana. O drama de Méfi, o diabo atormentado por dúvidas existenciais que só se desfazem no encontro com Margot, é trágico, sim. A maldade encarnada no sombrio Trasgo é humana, também, e exemplar, na medida de sua punição. A par disso tudo, há uma aragem de humor e juventude representada pelo jovial Capiroto, sempre em busca de



Margot (Cristina Cunha) imprime um ar de romance shakespeariano ao seu trágico gran finale. Ao lado, ela reflete sobre o desconforto da eternidade sem paixão, do alto de uma esfera, assediada por Canina e Tinhosa. Abaixo, o elenco da peça.



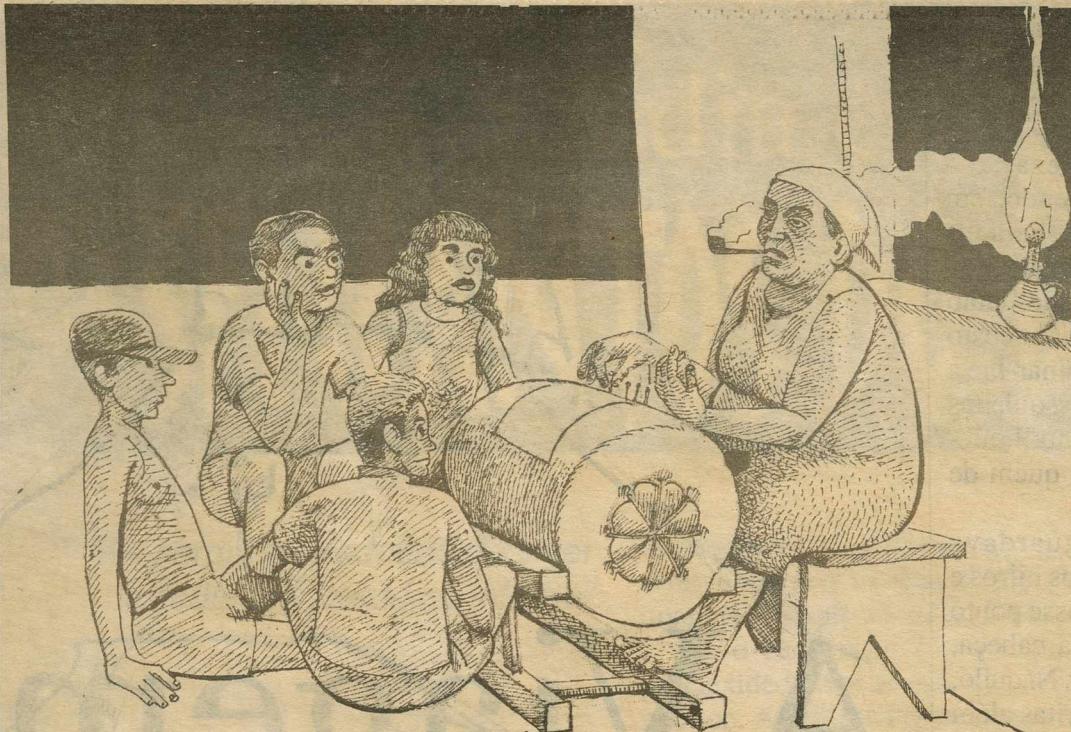
aventuras de novas emoções. Por essa razão, Ronaldo intitulou seu trabalho de tragicomédia. Só que não na ordem em que se apresentam as palavras, mas ao contrário: uma cômico-tragédia, porque se há do que rir – é há bastante, sobretudo nos deliciosos diálogos do jovem e endiabrado Capiroto com Tinhosa e Canina, diabas menores em cena – os motivos de riso se concentram mais no início do espetáculo, pois na medida em que a ação se adensa, adensa-se também o clima de tragédia anunciada e concretizada no final. Como um *intermezzo* de motivos medievais, a narrativa teatral de um fauno (diabo sob vestimentas císticas) tentando um ermitão que se revela inflexível na sua fé, ao ponto de se inverterem os papéis: o ermitão passa a tentar o fauno até convertê-lo. Ronaldo de Brito foi buscar esse tema em suas leituras da dramaturgia ibérica, bem ao gosto das platéias *naïves* do medievo português. Esse saber de nítido sabor popular é manifesto também na série de ditos populares que envolvem a figura do Diabo, prática que Cascudo denomina de “teologia popular” (in *Superstição no Brasil*) e onde cita um ditado atribuído a Lutero que poderia enriquecer o repertório de Méfi de ditos satânicos com que ele rebate as impertinências do jovem Capiroto: “Numa cabeça melancólica, o Diabo toma seu banho”. Desde que não seja de água benta, que é coisa que todo diabo

detesta, como, aliás, Cascudo mostra no conto “O diabo na garrafa”, (in *Literatura oral no Brasil*) onde a astúcia do demo é vencida pela astúcia feminina.

Por isso, *Os desencantos do diabo* – (é possível que o autor queira acentuar a tragédia pessoal de Méfi, um Hamlet sob alguns disfarces) se resumiria numa comédia, caso Margot tivesse sobrevivido ao embate com o repulsivo Trasgo. Mas uma comédia não comporta dois homicídios sem se descharacterizar, não restando ao autor outra opção que o rótulo “tradicomédia”. Quem sabe, “tragédia” o resumisse melhor. Do mesmo modo que a palavra *desencantos* soa muita branda para incorporar toda a carga dramática que envolve o espetáculo. Ainda que um título seja só um título...

Não é um espetáculo fácil, que se entregue ao espectador à primeira audiência. É exigente e desafiador, na medida em que não se pode prendê-lo num moldura teórica conveniente, como acontece, por exemplo, com o teatro regionalista. Seu universo se constrói nos limites do seu próprio texto – arcabouço constituído de múltiplas falas e múltiplos tempos, mas destinado a único público: o do seu tempo. Que é, aliás, o nosso tempo.

Nelson Patriota é sociólogo, jornalista e editor de O GALO.



Estória Praiera

*...E à noite, na taba,
se alguém duvidava
do que ele contava,
tornava prudente:
- Meninos, eu vi!*

Gonçalves Dias

Bartolomeu Correia de Melo

Maré quase enchente. Alpendre de palha e chão de areia. Começo de noite ventosa, sem lua pra espiar. Penca de netos brincando de anel. Vinda de dentro, trazendo a luz, botava com agrado cada benção. Quando se dispôs a fazer renda, logo lhe pediram alguma estória.

Encovando a magrez das bochechas, acendeu o cachimbo na lamparina. Demorosa, ajudada em gemidos, a velha acocou diante da almofada. Se rindo, ajeitava linhas e alfinetes, como arrumasse antigos lembrares.

Tendo começo o mexericar dos bilros, de pronto que minguou o converseiro. E aquele frangido contente do rosto foi-se desmanchando, enquanto falava:

Rezam as crenças que, com céu limpo

e maré cheia, nessa lua-nova de agosto, coisas desconformes acontecem...

No meiar da noite, algum cachorro praieiro põe-se uivando malagouros... Com pouco, cruzeiro-do-céu vermelhece, feito cinco brasas aticadas. Cerração temporâ, ninguém sabe donde vinda, apaga as estrelas restantes. Friagem trevosa engole o sossego da praia. Maresia se torna entojada, que nem catinga fria de defunto. Mais e mais, a toada do mar vai semelhando fundo queixume, como se lhe doesse a quebração... Vento sueste encorpa gemidos que lembram fanhas cantorias de incelença. Ali-acolá, vozes de galos se espicham, quase virando longes gritos de socorro. Então, tempo afora, assim misturados, tais escutares se encantam em latomia de chorosa multidão.

Nisso, ventinho traquino amofinou o lume. No empardecer decorrido, dizeres dela sustados, quase ninguém respirava. No que a chama endireitou, os entreolhares se aquietaram. Agravando a fala, a rendeira seguiu contando:

Aí, diz-que nessa hora, fosforejando no aceiro das ondas, passa a Procissão dos Afogados. Coisa demais medonha!... Enorme rebanho de almas penadas, cada

qual carpindo piores desditas. Malassombro de triste feiúra, por muitos apenas ouvido, mas somente avistado pelos bem-merecidos. Ainda assim, aquilo enxergado, ninguém nunca conta a ninguém; mode castigo de morte agoniada.

Peteleco dos bilros pareceu mais roncoiro, enquanto as palavras avexavam os pensares.

No quando de tal aparição, pedida com fé e coragem, qualquer boa-graça será alcançada. Porém, cristão vidente que, nalguma careta verdosa e inchada, enxergue finado conhecido, se obriga de cumprir piedoso preceito: Avoar bem ligeiro, em riba daquela visagem, punhado de areia seca; gritando no contravento a jaculatória que, em vida, o infeliz mais repetia. Isso feito, sem dali arredar-se, ajoelhado em sincera vontade, se deve esperar o sinal. E carece reconhecer qual seja tal aviso... – toava cuidando mistérios.

Na manhecença, encalha na praia um peixe-anjo – bicho bonito e bendito – dando conta daquela salvação. Pois que esse peixe, enterrado com segredo em campo-santo, voga pelo repouso daquele corpo nunca achado. Se bem que, nesta ação caridosa, não resta vez pra nenhum pedido.

Pois qualquer pensamento ambicioso será punido por queda em malpenar sem cura; desjuízo inquieto que nem as ondas do mar.

E quando não sabendo a reza?... — inquiriu e respostou: Assim sendo, em lugar de peixe-anjo, aparece baiacu-espinho — bicho feioso e reimoso — adivinhão de malefícios. Diz-que então periga daquela pobre alma tomar encosto no cristão vivente, querendo ensinar-lhe a oração devida. E disso sobejam esquisitas malestórias... — sisuda, logo atalhou — Assunto esse, desadequado pra quem de pouca noção!

No derredor, meninada guardava silêncio escabreando. Ela sustou os bilros e cuspinhou de lado; que nem botasse ponto final nos contares. Maneando a cabeça, olhava calada pras bandas do mar. Naquilo, parecia soletrando verdades escritas além da escuridão. Tirou friso do cabelo, avivou o cachimbo e tornou, quase solene:

Águas cujos poderes não tiram sedes nem lavam pecados... Sei por sabença de minha avó. Quem nelas morre, nelas tendo sepultura, delas nunca aparta seus penares!... Pois que resta sujeito a sempre vaguear, pelo sem-fim das praias, nessa agoniada romaria. Arriba e abixo, chorando a espera incerta dalgum justo que o valha e desobrigue da eterna desventura... — e arrematou:

Nas ondas, ninguém se afoite, por brinquedo ou capricho, fazendo-pouco do mar. Quem dele tirar sustento, com respeito e sem maldade, por via de precisão, tem resguardo pra arriscar. Então, cuidem nesta ensinanza, pois menino malouvido, que pecou por teimosia, também passa em tal cortejo; roído pelos siris, berrando por pai e mãe. Podem debochar de caduquice, apois sempre digo e repito: Água, minha gente, não tem zelo nem cabelo!...

Trocando alfinetes, chupou do cachimbo as derradeiras fumaças. Na calada do alpendre, dava pra ouvir o espiopcar do sarro. Detrás das baforadas, em cada olhar abismado, avaliou o alcance da estória. E reocupou-se no entrançar dos bilros, como no aguardo dalguma duvidança.

Mas, ninguém nada de nada que indagou. Espiavam quietinhos pros confins da noite praieira; arrupiados nas cócegas do vento, imaginando respostas nos resmungos do mar.

Noutras lonjuras, cachorro botou-se a latir penoso.

Bartolomeu Correia de Melo, norte-rio-grandense, é professor universitário e contista. Escreveu *Lugar de estórias*.



A Viagem

(A Nelson Patriota)

Hudson Paulo Costa

Despertei com a cidade surgindo como em um sonho interligado por uma ponte sobre o abismo da realidade. Parecia ter rondonado toda a vida por ruas desconhecidas para um dia chegar ali, sem nenhum endereço, mas com a certeza de estar elegendo um destino. Ao descer na rodoviária procurei alojar a minha pouca bagagem num armário de aluguel. Sai perambulando à toa pelas proximidades, entre ruas estreitas, lojas e pequenos hotéis de alta rotatividade. Os letreiros das casas comerciais, as buzinas e os ruídos dos motores dos automóveis confluíam na minha solidão atravessando as esquinas. Senti o desejo de estar no mar, em um navio movido a velas, em plena calmaria, olhando nuvens misturadas com saudades.

Enquanto eu olhava o poço do tempo e a bússola do esquecimento, um pirata urbano estacionou ao lado do meu devaneio e tentou tirar-me a carteira. Correu com os gritos de pega ladrão! pega ladrão! Procurei sombras para camuflar a minha imagem. Lobos e serpentes rondavam as calçadas levando sobre suas peles outras peles conquistadas.

Abandonei pela décima vez um emprego chato, medíocre e tristemente rotineiro para pegar uma estrada e gastar todos os meus últimos centavos a olhar a vida que os ho-

mens escolheram para passar seu reduzido tempo de existência. Movido por uma vontade inelutável, resolvi não continuar a viagem e passar alguns dias naquela cidade.

A praça de uma cidade é o oásis dos vagabundos. Encontrei um jornal esquecido sobre o banco de uma praça e comecei a ler os anúncios de empregos. Após hesitar entre os de porteiro de edifício, vendedor de seguros, e faxineiro, detive-me em algo insólito: uma creche precisava de um contador de estórias para crianças. Eu nunca consegui contar uma simples piada, quanto mais histórias para crianças. Mesmo assim apresentei-me no endereço, e lá encontrei quatro candidatos. Um dizia ter estudado na Sorbonne. Tive vontade de desistir, mas como estavam servindo um lanche reforçado, aguardei a vez de minha entrevista, repetindo diligentemente alguns pedaços de bolo. Uma senhora elegante, vestida de verde, usando uma fragrância suave, voz aveludada e gestos de fada, conduziu-me ao interior da creche entre corredores que pareciam um labirinto de Dédalo. Causou-me estranheza o silêncio que pesava em cada porta que passávamos. Mais ainda o envelhecimento precoce dos entrevistados após o término da entrevista. Perdi a noção do tempo em que andamos por entre os corredores do labirinto até chegarmos ao centro. Era um espaço cheio de plantas, de orquídeas, rosas e crisântemos deslumbrantes.

Havia um pequeno lago com cisnes pretos. Pássaros de diversas cores e matizes gorjeavam notas de Bach.

Vi-me num cenário como o de uma imagem virtual produzida por um desses engenhos modernos. Com ar indiferente ao meu espanto a senhora perguntou-me se eu tinha experiência em trabalhar como contador de estórias para crianças.

Inspirado por aquele cenário disse ser amigo de Ariano Suassuna, Josué Montello e Jorge Amado. Disse mais duas mentiras bem requintadas que pareceu impressioná-la. Voltando por outra alameda, ela acionou um botão de controle remoto, abrindo uma passagem que levava a uma espiral sob focos de luzes verde, azul e amarela envolvidas por uma fina camada de névoa com borboletas exóticas ondulando ao som de flautas e violinos. Eu não tinha mais nenhum senso de orientação.

As crianças estavam sentadas, quietas, olhando para algum ponto desconhecido, a esperar alguém. A senhora idosa rejuvenesceu de forma repentina e ordenou-me que contasse a minha estória. Aproximei-me mais daquelas crianças para que elas me ouvissem melhor. Sofri um impacto ao descobrir que elas eram cegas. Em suas faces pairava um ar angelical.

Tomado por uma força desconhecida, percebi que só podemos ver realmente com a luz da alma. Aquelas crianças viam na minha mente tudo o que eu narrava. Interrumpiam-me para detalharem qualquer nuance que eu esquecesse da fluência de imagens no meu pensamento.

Contei muitas estórias, das quais não me lembro de nenhuma. Sei apenas que uma causou forte impressão. A sinopse é esta: Um mago inventou um pó que se espalhava rapidamente no ar, causando cegueira nas pessoas até a dez metros de distância. O pó cegou toda a população de dois países em guerra. Como não sabiam viver em paz com os olhos em claro, passaram a viver em paz com os olhos na escuridão. Descobriram as luzes da vida interior.

As crianças sorriam. A dona da creche, novamente envelhecida, fez um sinal para que eu a acompanhasse. Ela abriu mais uma porta que dava para outra porta de forma sucessiva, prolongando o labirinto ao infinito.

Interroguei-a um tanto apreensivo se eu havia sido aprovado. Quando ela disse que sim, imediatamente fiquei cego. Não sei há quanto tempo vivo aqui. Nunca mais pude sair. Nunca mais pude voltar.

Hudson Paulo Costa, norte-rio-grandense, é contista, bibliófilo e historiador.

Um certo HENRI

Jarbas Martins

Distanciado em vida da publicidade, Henri Michaux (1899-1984) surge aos olhos da crítica, neste início de século, como um dos poetas mais destacados da historiografia novecentista.

Deixou em sua escritura, apesar do estilo recatado de comportamento, as marcas de um extravagante péríodo. Exerceu sucessivas profissões e cargos; foi professor, vendedor e secretário do poeta franco-uruguai Jules Supervielle. Fez uso de drogas, motivado pela inconsequente busca de uma linguagem desestabilizadora, onírica e visceral.

Viajou pela Ásia e América Latina, residindo por algum tempo na Bolívia. De passagem pela Argentina, em 1935, conhe-

ceu Jorge Luís Borges - tradutor para o espanhol de "Un Barbare en Asie", espécie de autobiografia poética desse inquieto francês de origem belga. De volta a Paris, torna-se amigo de Murilo Mendes, que conhecera no Brasil. Foi também pintor e, segundo Borges, detestava o culto parisiense da época a Pablo Picasso.

Certos hibridismos de forma, entre o literário e o plástico, são flagrantes nos poemas de Michaux, na imagética e na sonoridade de que são portadores. Essas idiossincrasias nos remetem tanto ao surrealismo de sua pátria, quanto aos ideogramas chineses e japoneses.

O poema "Mon Sang", que traduzi e ora publico, encontra-se em "Plume" (Gallimard, Paris,

1986). Esse livro de Henri Michaux foi editado inicialmente com o título de "Un Certain Plume".



O poeta Henri Michaux numa foto da maturidade

HENRI MICHAUX

MON SANG

Le bouillon de mon chantre dans lequel je patauge
Est mon chantre, ma laine, mes femmes.
Il est sans croûte. Il s'enchante, il s'épand.
Il m'emplit de vitres, de granits, de tessons.
Il me déchire. Je vis dans les éclats.

Dans la toux, dans l' atroce, dans la transe
Il construit mes châteaux,
Dans des toiles, dans des trames, dans des taches
Il les illumine.

MEU SANGUE

O borbulhar do meu sangue no qual mergulho
É meu chantre, minha lã, minhas fêmeas.
Sem casca. Encanta-se e expande-se.
Cerca-me de vidros, de lascas, de cacos.
Retalha-me. Eu vivo entre destroços.

Na tosse, no atroz, no transe
Constrói meus castelos,
Nas telas, nas tramas, nas manchas
Os ilumina.

(Trad. de Jarbas Martins)

Jarbas Martins é professor da UFRN e poeta. Autor de "Contracanto" e "14 versus 14". Traduziu poemas de César Vallejo e Jorge Luís Borges, alguns deles publicados neste jornal.

TESTAMENTO

Ou tratado da vontade derradeira

Aldo Lopes

Vou morrer numa sexta-feira
na cabeça da ladeira
que carrega a avenida
ate a porta lá de casa
bem pertinho do domicílio
dos sapos do Açude Velho.
Nessas minhas bebedeiras
nunca dei com os burros n'água
porque sei meu endereço:
a derradeira casa da baixa
depois dali não tem mais nada
só a avenida afogada.
A ultima cachaça
vou tomar no Bar do Gera
é só me dar um empurrão
na esquina de Afonso
que pego logo a embalagem.
Meu cadáver vai passar
na frente da Prefeitura
mas dessa vez não irei esculhambar
vou engolir meu protesto
morto não entra no ar.
Odilon, João e Raimundo
vão ficar paralisados
quando me virem descendo
nos braços da gravidade
que é lei de muita decência
só empurra o pobre pra baixo
quando este está sem vida.
Não digo a lei do juiz
que é lei muito encrenqueira
sempre o pobre é condenado
a subir mais uma ladeira
do registro ao atestado
no correr da vida inteira
só nunca sobe na vida.
Quero o meu velório em minha casa
e sem discursos, por favor
guardem o verbo pro cemitério

que à beira da cova é mais comovedor.
Cantem o hino do meu time
o meu samba predileto
e se Terezinha desatar na choradeira
peçam ao Dr. Zoma que lhe aplique uma dormideira.
Podem falar dos meus podres
das mulheres que eu amei
das muitas que não comi
das cachaças que bebi
dos cabras que não matei.
Vou dar um cacete num anjo
e tomar o seu lugar
e de lá de cima da nuvem
ficarei a espiar.
Toquem o enterro devagar
e cortem caminho pela Rua da Cadeia
em demanda do Cancão
parando de casa em casa
pára a pobreza me olhar.
Deixem vir a mim as criancinhas
pois para um defunto recente
a obra de poucas horas
não é tempo suficiente
para torná-lo assombração.
Não subam comigo pela Avenida
que é pra não passar nem por perto da Igreja
e não deixem João Mandu
se aproximar do meu caixão
o infeliz do sacristão
pode me aprontar uma desfeita:
levar minha extinta pessoa
para dentro da Matriz.
Não noticiem no rádio o acontecido
e de missas tenho pavor.
A minha cova quero bem distante
do túmulo do meu pai
do jazigo dos Pereira
e das Irmãs da Caridade.
Escavaquem lá detrás
que é onde se enterram os bêbados pés-de-chinelo
os dementes

os loucos da cidade
 a vala comum dos sem-sorte
 não precisa cruz nem nome ou qualquer indicação
 morte é morte
 e eu quero é morrer completamente
 ficar bem longe das flores
 e da chatice das velas
 pois nunca gostei de enfeite
 que não combina com macho
 e também não sou terreiro
 onde se apronta despacho
 é perda de tempo e dinheiro.
 Meus livros quero que doem à escola
 meus contos mandem pra Ângela
 e minhas roupas dêem a Zé Grosso.
 O resto da cacaria
 contando com as duas casas
 que eu não pude torrar
 fica tudo pra família
 conforme os termos da lei
 mas por favor me deixem inteiro
 do jeitinho que nasci
 não sou doador de nada
 nada recebi de sobra
 nessa vidinha contada
 Além do mais
 nada em mim dá pra ninguém
 porque nunca fui sadio.
 Meu pulmão é um fole preto
 a desgraça do cigarro
 tem catarro, infiltração...
 O resto que era do fígado
 foi-se na última ressaca
 e meu coração tão sem graça!
 não há doutor no mundo
 que lhe regule o compasso
 que lhe devolva o bolero
 E a pedreira dos rins
 já comporta britadeira.
 O restante está na cara
 onde o engelhado do couro
 mostra que o corpo está velho
 e os ossos fracos de vara
 não servem para espichá-lo.
 Chegando no cemitério
 liberem logo a palavra
 soltem as grades do peito
 deixem quem quiser falar
 os parceiros

os camaradas
 os poucos gatos pingados
 que irão me acompanhar.
 Mas me façam uma seleção:
 Aloysio, não;
 e Gonzaga, nem pensar!
 Waldemar
 Frei Mariano



muito menos Rialtoam.
 Botem alguém do Partido
 pra fazer o encerramento
 e gastem latim sem pena
 que jumento não ressuscita.
 E após isso cumprido
 me sacudam muita terra
 mas antes abram o caixão
 vão ver pela minha mão
 que fui canhestro na vida:
 o vizinho do dedo-duro
 carne-e-unha com o companheiro
 desse meu dedo mindinho
 reparem bem direitinho
 que vai estar estirado.

Aldo Lopes, paraibano radicado em Natal, escreveu, entre outros livros, *As estátuas de sal*, contos.

O xadrez e o conhecimento precisam da linguagem

Ivanaldo Oliveira dos Santos

Este é o rei do xadrez" (Wittgenstein: pg. 23), isto é, a peça mais importante, pois neste jogo o objetivo é dar xeque-mate ao rei adversário e assim encerrar a partida. Existem outras peças, tais como: o peão, o bispo e a torre, as quais através de um conjunto seqüenciado de movimentos e estratégias tem como função dar xeque-mate ao rei adversário. Deste modo existe uma linguagem não construída oralmente, mas expressa pela própria articulação das peças que contribui para o objetivo deste jogo.

O que o xadrez tem a ver com o conhecimento? Visto existir regras neste jogo, como por exemplo: a torre pode ser movimentada para qualquer casa, ou coluna, ou fileira (vertical ou horizontal), para frente ou para trás, mas não pode avançar além da casa ocupada por outra peça de sua cor por uma peça do adversário; podemos fazer uma comparação com o conhecimento.

Em primeiro lugar o conhecimento possui regras, como por exemplo: a existência do pensamento racional, visto que sem ele não há conhecimento transmitido, e a expansão deste pensamento num todo universal, visto haver a necessidade de se estabelecer um conhecimento verdadeiro e não aparente. Em segundo lugar, o conhecimento possui uma linguagem, ou seja, são as impressões captadas pela faculdade cognoscível do mundo exterior reunindo, imediatamente, as informações adquiridas, elaboradas em noções e combinando-se indefinidamente com a ajuda do vocabulário (palavras). Portanto, o conhe-

cimento pode ser comparado a um jogo de xadrez.

Assim como no xadrez ninguém ganha o jogo na primeira movimentação no tabuleiro, também não se elucida um problema epistemológico apenas identificando este problema. Daí a necessidade, no xadrez, de construir uma linguagem através de jogadas sucessivas e técnicas apuradas. E dessa forma se resolve certos problemas, com

relação ao conhecimento, inserindo proposições diferentes das antes apresentadas, construindo deste modo uma linguagem epistémica.

Ademais o conhecimento é uma construção feita pelo indivíduo não podendo, portanto ser delegado a outro ente – uma cadeira por exemplo – para sua efetuação. Desta maneira as circunstâncias em que este indivíduo está inserido são decisivas para a construção epistemológica. Sobre essas circunstâncias Wittgenstein afirma:

Da mesma maneira um lance de xadrez não consiste somente no fato de que uma peça seja movida de tal ou qual modo no tabuleiro, e também não consiste nos pensamentos e sentimentos daquele que a move e que acompanham o lance, mas sim nas circunstâncias a que chamamos: "jogar uma partida de xadrez", "resolver um problema de xadrez" e coisa do gênero (Wittgenstein: pg. 40).

Estas circunstâncias irão determinar o tipo de linguagem usada para tal fim e como ele será disposto unicamente para melhor utilização pela humanidade, como as peças no tabuleiro de xadrez são dispostas, pelo jogador, para melhor efetuar o xeque-mate.

Quando, porém afirma-se que alguém aprendeu xadrez "apenas observando" (Wittgenstein: pg. 38), constata-se duas coisas:

1) O pensamento incompleto – fruto de uma linguagem não lapidada – é incapaz de chegar a uma conclusão devido a deficiência de premissas;

2) O conhecimento empírico nos chega por meio das experiências do cotidiano e captadas através dos sentidos.

E estas constatações nos levam a quatro conclusões:



Para Wittgenstein, existe no xadrez "uma linguagem não construída oralmente, mas expressa pela própria articulação das peças desse jogo".

a) O conhecimento só é possível se houver algum tipo de linguagem. Se as regras desta linguagem não forem compreendidas pelo indivíduo, mas este fizer uso dela o conhecimento existirá;

b) Assim como no xadrez ninguém domina todas as técnicas, ou seja, não existe um jogador perfeito (invencível), o mesmo acontece com o conhecimento, pois ninguém tem o domínio pleno dele;

c) Assim como os movimentos no tabuleiro de xadrez tem um objetivo específico determinado pelo jogador, a linguagem também tem um objetivo, o qual é possibilitar a efetivação do conhecimento;

d) Do mesmo modo que um jogador fica maravilhado (feliz) por ter ganho uma partida de xadrez, o indivíduo também fica quando chega ao conhecimento real sem aparências.

Isto é estranho, pois os "problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra em férias" (Wittgenstein: Pg. 42), e o conhecimento é um problema filosófico. Sendo assim, como pode então ser dito que a linguagem contribui para a construção do conhecimento?

Devemos observar o xadrez. Cada partida é diferente. Mesmo sendo as peças iguais tem que se utilizar de outros mecanismos - não se joga xadrez duas vezes da mesma maneira - por tal fato pode se afirmar que a estratégia utilizada na partida anterior entrou de férias e é necessário criar uma nova para a próxima, isto é, a linguagem usada anteriormente não nos serve mais, logo é preciso criar uma nova linguagem para o movimento atual e concreto.

Visto que os problemas filosóficos, científicos, literários e outros, se renovam é necessário que a linguagem anterior entre de férias e passe a se criar uma nova linguagem para atender a estes novos questionamentos. Daí constata-se, portanto que a linguagem contribui para a elucidação de problemas filosóficos, científicos e de outra natureza - neste caso a construção epistemológica - e que tanto o xadrez como o conhecimento precisam da linguagem para efetivar suas regras de procedimento e seu comportamento visando a obtenção de um determinado objetivo.

Título: todas as citações deste texto foram retiradas do livro *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein. Trad. Luiz Pacheco. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).

Ivanaldo Oliveira dos Santos é especialista em Metafísica e mestrado em ciências sociais pela UFRN. E-mail: ivanaldosantos@zipmail.com.br

"Série crônicas de José Lins do Rego"

Int., org. e sel. por Nestor Pinto de Figueiredo Jr. - Coordenação de Literatura e Memória Cultural - Divisão de Editoração - Fundação Espaço Cultural da Paraíba - FUNESC

Um Gogol brasileiro

José Lins do Rego

Até que afinal temos um livro de Aníbal Machado. Uma vez mandando-lhe um de meus romances, eu o chamava de carcereiro de João Ternura. Ternura, herói do seu romance poema, continua a sofrer a mais injusta e desumana reclusão.

Por que, neste abundante Aníbal, neste homem que tanto fala, que não esconde convicções, esta tendência para silêncio editorial? Medo do público ou orgulho? Medo ele não tem, tanto se expõe às manifestações, aos ajuntamentos, em conferências que são sempre definições claras e contundentes. E o orgulho não é da natureza de um homem dos mais simples e bom que conheço. Nem medo e nem orgulho. Eu diria que existe um Aníbal Machado a sofrer daquele mal da precisão de Valéry. E que há então um artista exigente, a imaginar mudança para melhorar, uma limpeza de forma que o seduz, a todo o transe. E será este artista que tinha perturbado a vida do grande mestre, amado mesmo como chefe de geração? Desde que não existem nem medo e nem orgulho no escritor que caprichava um ineditismo intransigente só devia mesmo compreender-se a sua abstenção editorial, como fraqueza de artista. A literatura é para ele a maior coisa deste mundo. Quem o conhece sabe que não há melhor leitor do que ele. É homem que penetra os assuntos que avalia, que toma partido com a mais severa análise de tudo. Pode parecer que ele fala pela paixão de suas idéias. A paixão em Aníbal é função criadora.

Ninguém na literatura moderna conta com mais admiradores. Existe um escola de Aníbal, como existiu uma de Sócrates. Conheço rapazes que lhe devem orientação na vida intelectual, e orientação na vida de todos os dias. Nunca, até hoje, em roda qualquer escutei restrição a atitudes suas, ou palavra dúbias a seu respeito. Ama-se Aníbal



José Lins do Rego por Luís Jardin.

atitudes suas, ou palavra dúbias a seu respeito. Ama-se Aníbal Machado, e, quando não se ama, respeita-se.

Pode o editor José Olympio gabar-se de uma ação arrojada, que será esta de conseguir arrancar de Aníbal este livro de contos e novelas. E pode a grande casa brasileira contar com mais este serviço à literatura nacional. Aníbal, maior de cinquenta anos, estreia na literatura como um adolescente. E o fato é que este *Vila Feliz* teve o vigor, a abundância, o arrojo, a juventude de um livro de rapaz, aliado à sabedoria, ao domínio de si, e precisão, de um livro de mestre. Isto é, força de alma e atuante na expressão de quem conduz uma experiência de técnico amadurecido. O lirismo de Aníbal Machado é um segredo de mocidade eterna. Homem que carrega esta carga de lirismo no sangue não envelhece nunca. A prosa que ele trabalha é matéria de ficar para sempre, assim como mármore, granito ou metal de fundir-se. Mas o que caracteriza além da perfeição do estilo deste escritor, é a sua humanidade, a sua riqueza de amor pelo povo. Existe o povo, a dor do povo, a sua miséria, e as suas esperanças, nos contatos do poeta com o mundo. Quando terminamos de ler o *Vila Feliz*, fica-nos na alma um travo de mágoa, de tristeza, ficamos, para sempre, gravada a desgraça da vida que se vive no nosso mundo desprezível. A tristeza do Brasil, que fora assim como a tristeza da Rússia, não se dissolve no lirismo pungente. A realidade perdura nas vidas pequenas e dolorosas que Aníbal Machado transformou nas narrativas de um Gogol Brasileiro. Mas que Aníbal não queime o João Ternura, como fizera o herege dos *Almas Mortas*.



Aníbal Machado, na ilustração feita para a revista *The Brazilian Book Magazine*.

Coívara da Memória

Dorian Gray Caldas

Usa Francisco J. C. Dantas suas expectantes lembranças de um tempo “enroscado no miolo da palavra”, tal qual um espinho de jurema encravado no cerne dos seus antepassados.

O sertão do autor de *Coívara da Memória* particulariza situações nas referências ancestrais (o avô, a avó) reafirmadas pelas dolorosas circunstâncias motivadoras, presas, todavia, pelo rio elegíaco de enorme ternura, dando-lhes diminutivos, assim a “violinha que treme e crepita como um círio que ela acende no oratório dos santos”. Isto em Murituba há tempos! Casa-Grande da qual ainda corre o sangue comum dos seus avós; herança reafirmada nas intimidades mais sentidas e quanto mais antigas, maravilhadas de ternuras. “Ponha-se no respeito”. Fala,

perempta Justina, e migradora desta presença tão rica outrora, principalmente, rica de sentimento. O autor recompõe cada palavra, cada gesto, proustianamente revividas com respeito e dignidade pelos mortos tão queridos. Cultiva esta árvore da infância imemorial agora no seu livro, agigantado pelo abissal tempo que a tudo empresta seu mito natural de fantasia; árvore genealógica destas vidas nem tão secas, como as de Graciliano Ramos, nem tão pitorescas, como as de José Lins do Rego; árvore cujos ramos queimam “fogos encarnados (que) derramam o sangue rubro da paixão que (me) ensopa os dedos”. Romanceiro de espinho e flor; cicatrizes abertas deste despertar de um tempo tão naturalmente “entalhado no cerne da honra”. Esta honra que é o maior bem

do nordestino; a linha da faca matadeira para limpar as ofensas e manter os brios.

Engenho Murituba, engenho Murituba, sonâncias de vozes antigas, mutirão na casa de purgar, a um tempo brabo onde se trocava trabalho por comida, mas preserva-se a dignidade que o homem sertanejo impõe; fartura na mesa e os brios do respeito da necessária convivência humana. Particularizando situações nas referências ancestrais reafirmadas pelo autor como registros cartoriais, dando fé ao que escreve; forma verdadeira e única dos bens intransferíveis da herança, dolorosa às vezes pelas circunstâncias motivadoras, outras tantas, quase líricas, na apreensão proustiana “Pavio do sangue”, segmento desta força criativa deste autor singular, do qual muitos ouvirão relatos memoráveis, raro hoje em dia, dispersos que estão na doença das elites das metrópoles, deformadas muitas vezes pelo vício gracioso das

“Francisco J. C.
Dantas tece com
rigor de artesão/
mestre este
serventual da
memória sertaneja”

inutilidades. Salvem-se as exceções”. *Coívara da Memória*, 1991, reeditada em 1996, traz ao pé dos falsos profetas de hoje, as forças obscuras, mas legitimadoras do homem nordestino.

Os avós agigantam-se na descrição do amanuense nos registros entalhados na matéria-prima das emoções perceptivas ou advinhadas dos tempos idos nas terras do engenho Murituba. Se na descrição de Graciliano Ramos destacamos a mais pungente cena da morte da cachorra Baleia, página literária memorável, Francisco J. C. Dantas atinge intensidade de igual valor na descrição da avó “dobrada sobre o fogo da cozinha”.

“Ela inchava as bochechas inflamadas de ar, no sacrifício de atiçar o fogo, de avivar o lume das primeiras brasas que iam

nascendo das mais delgadas lascas de lenhas ... até que um faísca tremeluzia ... rastejava ... tornava a se aquietar ... e corria deitada... As réstias das labaredas riscavam a sua testa de ouro". Textos assim reascendem na prosa nordestina a certeza de que na mais inusitada e adversa condição do homem do sertão e suas circunstâncias, pode, deve, e acreditamos residir material suficiente, força anímica, que faça tremular a luz da necessária esperança de nossa verdadeira literatura, de nossas possibilidades autênticas, intransferíveis e da melhor qualidade ficcional.

Observe-se, também, a intertextualidade erudita, recriada da tradição arcaica do homem nordestino inserida e avivada pela cultura do autor, sem pedantismo ou falsos achados gramaticais, verbalizados ou adaptados, para surtir efeitos ou florilépios classicistas. Francisco J. C. Dantas usa linguagem do homem do sertão escalavrada na intimidade do uso, vivenciada na autenticidade do dia-a-dia, inseridos nas faúlhas desta sua arte de escrever bem.

Da avó estereotipada na figura miúda e talhada como uma imaginária de rústico santeiro, a comissura labial em traço de ex-votos, temos a imagem mais comovente entre outros personagens do fabulário de Francisco J. C. Dantas, ocultada pela rudeza quotidiana, despida das antigas ternuras transformada à semelhança das mulheres entalhadas no relevo das serras e nos desertos das caatingas, onde se moldam as criaturas nascidas sob o signo desértico dos sertões.

Traz o escritor ao pé da memória, no centro de suas preocupações, a imagem do que poderia ter sido esta criatura silenciosa e enigmática, cultivando rosas (apesar dos contrastes da caatinga), mas a dizer dos espinhos que fazem correr por dentro do seu sentimento os espinhos do sertão.

Ficção e ao mesmo tempo verismo; a trama do livro de Francisco J. C. Dantas, narrada na primeira pessoa, prende-se a um crime; vingança ou justiça à maneira nordestina, que percorre toda a linha narrativa do autor, sem ser, todavia, a principal motivação do romance, que deriva para as particularidades tão imperativas, como também, comovedoras. Inventiva e clara memória do autor na incursão de uma linguagem arcaica do povo do sertão que está a merecer um dicionário da mais rica e mais recriadora intertextualidade sertaneja. Benedito Nunes apropriadamente faz o registro: "escorreita sintaxe", não só pelas frases "escovadas", mas principalmente, pela oportunidade de usá-las no contexto de seu livro.

Este livro de Francisco J. C. Dantas é uma elegia a seus avós, neles centrando a sua narrativa, esplendor e decadência da Casa-Grande, no memorial de Murituba. Desenho e contornos de sua profunda compreensão da sua vivência patriarcal, necessárias à compreensão das raízes das nossas tradições mais legitimadoras.

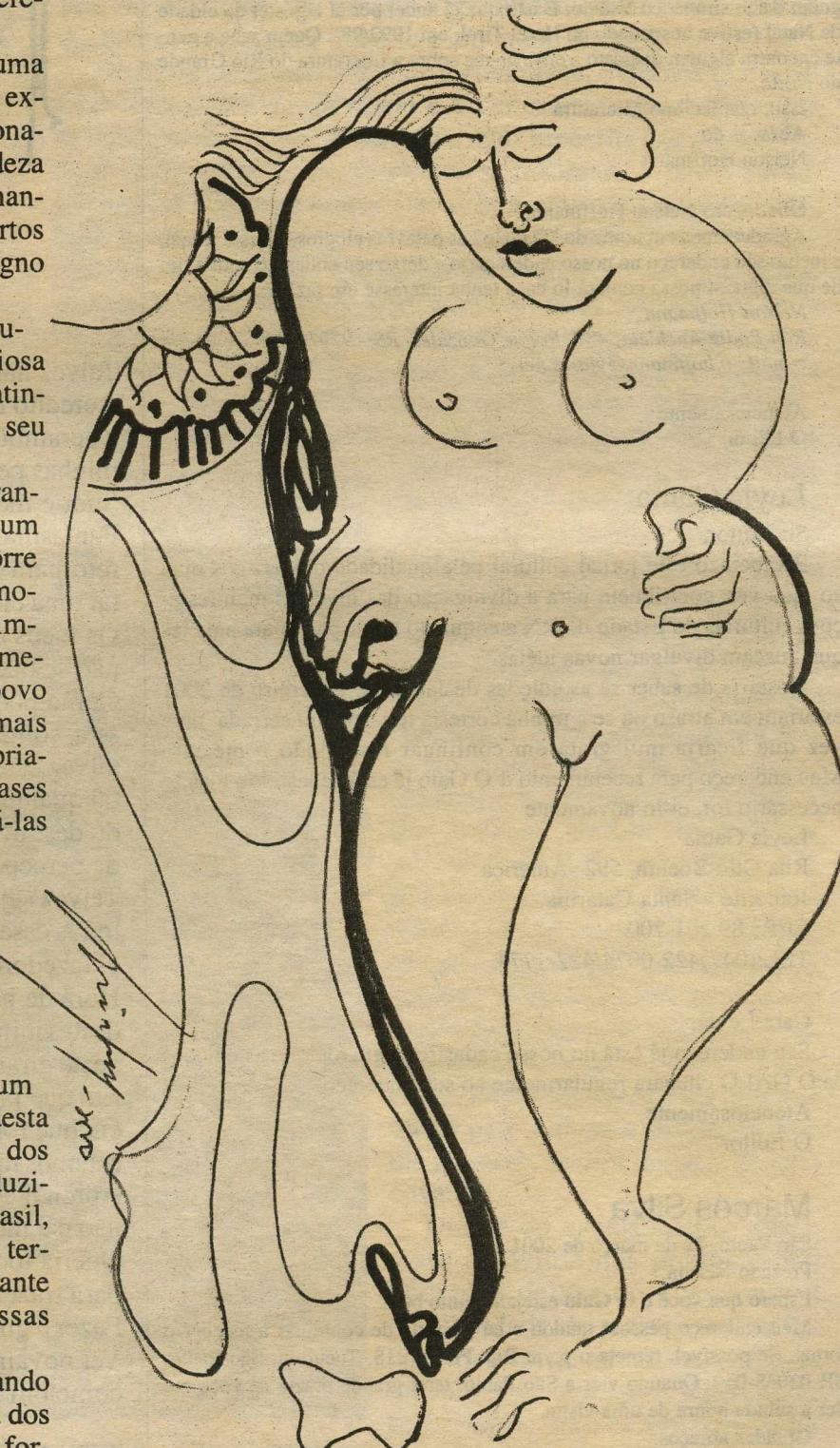
Coivara da Memória é um livro regional, mas é também um livro de antropologia cultural de fonemas e filologia, pleno desta vibração das matérias mais densas da memória coercitiva dos homens e mulheres que vivem a saga nordestina. Se for traduzido para outra língua, como é o caso de James Joyce no Brasil, esperamos sejam preservados ou reavaliadas as fontes dos termos usados pelo autor, o que por si só já é dificuldade bastante para o tradutor, isto sem falar na cor local e das nossas idiossincrasias, e nossos hábitos.

Um livro assim só nos enriquece. Traduzindo e preservando as tradições do falar, gestos, ofertórios, cor e som à sombra dos seus habitantes, dormindo profundamente ou redivivos pela força poderosa da palavra.

Cobrindo a trama dessas reminiscências adoráveis, na derradeira emoção pelas cinzas da coivara da memória, o autor nos lega uma obra que é simultaneamente resgate e paixão até nos freqüentes diminutivos, insistente usados, o que faz transcender do realismo ao fabulário, as emoções enraizadas na alma de seus personagens.

Francisco J. C. Dantas tece com rigor de artesão/mestre este serventual da memória sertaneja, sem se afastar nem coser os retalhos de ontem, no recriatório dos bens imutáveis dos sertões; voz e gesto; emoção e sentimento, pelas mais vivas cores da nossa (possível ainda) recriação da vida e dos fazeres do homem sertanejo

Dorian Gray Caldas é artista plástico, crítico literário e poeta. Escreveu, entre outras obras, *Canto heróico*, *Os dias lentos* e *O traço, a cor e o mito*.



Nelson Hoffmann

Roque Gonzales, RS
20.02.01

Senhor Editor,

Recebi o jornal "O Galo", n. 09 (Set/2000) e gostei muito. Admirei. Quem me remeteu foi o amigo Enéas Athanázio e, na correspondência, deparei-me com outro amigo pedindo o recebimento do jornal: o Silvério R. da Costa.

Hoje é tão raro encontrar gente que ainda faz cultura. "O Galo" deixa a gente admirado. Ficaria contente em recebê-lo. Também labuto nessa área. Para tanto, estou mandando um exemplar do que ajudo a fazer.

Tenho algum livro publicado já. Mantenho contatos por todo o país e pelo exterior. Estou encontrando alguma dificuldade em contatar com alguém desse simpático Estado. E isto que já andei por aí e gostei da cidade de Natal (estive hospedado no Hotel Tirol, em 1997/98). Quem sabe a gente encontra alguém disposto a ensinar-me sobre a Literatura do Rio Grande do Norte.

Isso, que leciono Literatura

Abraços do

Nelson Hoffmann

Obs.: Caro Nelson Hoffmann,

Agradecemos em nome do "O Galo" as palavras elogiosas a este jornal, e incluo seu endereço no nosso endereçário e deixo seu endereço aqui a fim de que alguém possa contatá-lo caso tenha interesse em fazê-lo:

Nelson Hoffmann

Rua Padre Anchieta, 439, Roque Gonzales, RS - 97970-000

e-mail: n.hoffmann@via-rs.net

Atenciosamente
O Editor

Leyla Gama

Sr. Editor,

Parabenizo este jornal cultural pela qualidade dos artigos que, ao meu ver, contribuem para a divulgação das diversas manifestações culturais do Estado do RN e enquanto um espaço para aqueles que buscam divulgar novas idéias.

Gostaria de saber se as edições de Janeiro e Fevereiro de 2001 estariam em atraso ou se a minha cortesia teria sido encerrada, uma vez que ficaria mui grata em continuar recebendo o mesmo. Meu endereço para recebimento d'O Galo já está cadastrado mas, se necessário for, ei-lo novamente.

Leyla Gama

Rua Otto Boehm, 592 -América

Joinville - Santa Catarina

CEP.: 89.201-700

TEL:(047)422-0074/422-1774

Cara Leyla,

Seu endereço já está no nosso cadastro. Aguarde que as edições de O GALO chegará regularmente ao seu endereço.

Atenciosamente,

O Editor

Marcos Silva

São Paulo, 22 de março de 2001.

Prezado Nelson:

Espero que você e O Galo estejam muito bem.

Meu endereço pessoal mudou e eu gostaria de continuar a receber o jornal. Se possível, remeta-o para: Rua Purus, 218, Tucuruvi, São Paulo, SP, 02038-040. Quando vier a São Paulo, terei grande prazer se você me der a subida honra de uma visita.

Grandes abraços:

Marcos Silva

Abandono

Adriano Gray Caldas

*Rendas negras, bordados
finos, sintomas e
sentimentos raros, a arte
de ser acima do sentir.*

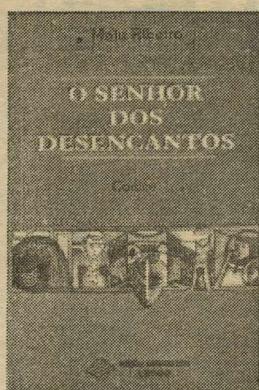


Talvez não saiba mais o encanto de estar presente.
Acredito mesmo que nestes dias secos em que passo
a perambular pela casa velha,
minhas pernas arrastadas por um resto de vontade ignóbil de continuar.
Suor e medo.
Fantasmas, o desconhecido e o passado
retornam e volteiam em mim,
tal uma elegante sinfonia de espectros.
Os meus deuses estão morrendo pouco a pouco,
não se fazem mais deuses como antes.
Como podem eles ter a coragem de nos abandonar desta forma ?
se a solidão ultima é a falta completa de esperança,
talvez estejamos perto de nos abandonarmos de tudo,
tal qual um asceta, livre e pleno de todos os fatos,
do destino e da felicidade.
da percepção e do sentido
Talvez seja mesmo a hora de colocar de lado
todos esses clowns dançarinos de tempestades
e fazedores de arco-íres.
Hora de parar com essa dança macabra, o terror e o ódio.
destes inimigos invisíveis e tenazes
deste girar infundável em direção ao vazio.
Em que plano me encontro?
em que forma de realidade
estamos indissoluvelmente presos?
Aprendi com esforço que a força que me move
não é a mesma do mundo.
Queria tocar o escuro do mundo,
para trazer de volta o sonho, salvar todos!
Fazer a girândola mover-se indefinidas vezes.
Ver novamente a ilusão renovar-se e acreditar nela
como um eterno menino.

Adriano Gray Caldas é poeta, designer gráfico e tradutor.

CRÔNICAS

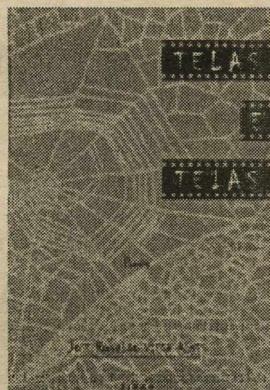
Editora Kelps
Goiás, GO
2001



O escritor goiano Brasigóis Felício reúne mais uma série de crônicas que publicou em *O Popular*, de Goiás, enfeixando-as sob o título de *A alma do mundo*, e dedicando-as “aos da grei de Leonardo Boff, que têm espírito de vale e lutam para resgatar a dimensão do amor no humano e a compaixão pela mãe-terra”. São crônicas, portanto, repletas da alma do seu tempo, onde a unidade da criação é proclamada aos quatro ventos. A ‘alma do mundo’ de que fala o cronista não reconhece fronteiras; tudo se conecta. A seleta de Brasigóis segue nessa direção, onde cabem, por exemplo, referências a obras de Leonardo Boff, João do Rio e seu olhar sobre a alma das ruas, e a poesia de Dorian Gray. A bela crônica “A primeira noite de uma mulher”, que gira em torno de um escrito de Clarice Lispector tem, por isso, a força e a ênfase de seu discurso interior, cortante em seu anticonformismo, radical em sua rejeição a tudo que se opõe à plenitude da vida: “A primeira noite de uma mulher é a primeira noite de sua liberdade”, ou “Eu era uma mulher casada, agora sou uma mulher”.

POESIA

Editora Libra
Rio de Janeiro, RJ
2001



José Ronaldo Viega Alves, gaúcho, exerce no Rio de Janeiro a profissão de bancário. Nada de admirar, afinal ser poeta não é profissão, o que já dispensa qualquer poeta de reivindicá-la. Nem o faz José Ronaldo. Em compensação, faz boa poesia, como se pode ler em *Telas e telas* e em mais seis livros que já publicou. É uma poesia facilmente reconhecível pelo seu caráter naïf, epigramática, minimal, como “Pintura Rupestre”: “Pintura rupestre/ só se acha,/ porque, o tempo/ às vezes esquece/ de passar sua borracha”. Ou em “Pós tudo”, que em seu minimalismo lembra as construções verbo-esquélidas de e. e. cummings. Diz o poema: “pós/ os/ ossos, só/ posso/ ser/pô”. A poesia de José Ronaldo tem uma vertente intimista que se renova através da exploração da polissemia, da plaralidade dos significados. Nesse aspecto, filia-se diretamente à corrente que vem dos autores anônimos da Antologia grega, passando pelo Lewis Carroll dos dois Alice e chegando até os concretistas. A características dessa poesia e seu final-surpresa. Como em “Num jardim japonês”: “Em/pleno/Outono./ O que é/que cai/mais?/ Folhas, ou haikais?”.

PROSA

Editora Idéia
João Pessoa, PB
2001

Quantos jornais literários já brotaram da pena de Ascendino Leite? É difícil dizer com certeza, mas presumo que eles já preencheram pelo menos vinte volumes. Se o número é expressivo - considerando que Ascendino é também um profícuo poeta, romancista e crítico literário - não é menos impressionante a constância desses jornais, verdadeiros testemunhos de uma época pela via literária. A diversidade dessa obra literária vem se constituindo em verdadeiro desafio para a crítica. Por isso, não admira que tantos escritores venham se debruçando sobre ela, na busca de captar sua inteireza que prova ser invariavelmente mais ampla e mais complexa, em sua estética tripla, do que prometia a princípio. Antônio Olinto, Acyr Castro, Fernando Py, Ivo Barroso, Djacir Menezes são alguns dos modernos ‘intérpretes’ de Ascendino Leite, e que nunca cansam de exaltar a excelência de sua prosa ou a leveza de sua poesia, e a profundidade dos seus jornais literários. Em *Caracóis na praia*, o mais recente desses jornais, Ascendino não foge à regra: surpreende o leitor a cada página, seja comentando fatos nunca triviais do seu cotidiano, seja escrevendo aforismos, transcrevendo poemas, falando de amigos, de eventos... de Deus. Pode exemplificar, neste belo aforismo: “A humanidade é a reserva de Deus para manter o mundo em sua órbita, social e solidária, até o seu total perecimento”.

Ainda sobre o mesmo tema: “Deus é a mais confortável das saídas. Mas isso não me autoriza a exceder-me na cerveja e a voltar para casa ungido de pureza, embriagado”.

Ou a singeleza desta confissão de um autor para que a estética é um componente indispensável: “O que mais me aflige, em termos literários, é esta minha incurável propensão para tudo admirar. Se vem, de repente, algum texto dominado pela magia da perfeição, caio logo em êxtase, transformo-me numa espécie de ator que, por pouco, não sai a bradar para si mesmo seu entusiasmo pelo que lhe parece belo. Desnude-se também o eu, a despeito de não ter pele”.

BIOGRAFIA

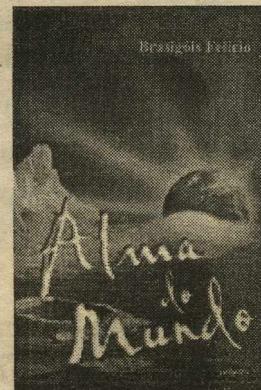
Edição do Autor
Natal, RN
2001



Os namoros da literatura com o futebol têm produzido poucas obras relevantes, num país contagiado pelo vírus da paixão por esse esporte há tantas décadas. Nelson Rodrigues, Zé Lins do Rego, Edilberto Coutinho são alguns dos escritores que namoraram com o futebol, mas sem que a ele dedicassem a fatia maior de sua obra. Ruy Castro, com sua biografia sobre Garrincha “A estrela solitária”, mostrou as potencialidades desse gênero relegado da literatura. O jornalista Rubens Lemos Filho segue nas passadas de Ruy Castro ao construir a biografia de Danilo Menezes, nesse “O último maestro”. E o faz com a réguia e o compasso de um cartógrafo meticuloso, não se contentando apenas em contar a história do personagem que elegeu para ídolo (no futebol, como na literatura, a paixão é um combustível indispensável), mas recriando todo um conjunto de fatos que convergem para iluminar o protagonista de seu romance biográfico. Munido dos elementos fundamentais e acessórios da vida de Danilo, Rubens Lemos Filho fez um trabalho ousado e convincente.

CONTOS

Edições consorciadas
UBE/Goiás
Goiânia, GO
2000



A ficção goiana vive um ótimo momento, a prova disso é a profusão de novos autores que publicam nos gêneros e estilos mais diversos. Malu Ribeiro, com *O senhor dos desencantos* envereda por um caminho ficcional onde o delírio, o devaneio e os medos noturnos convivem com o cotidiano mais banal. A licença ao lirismo que a autora reivindica se dá plenamente nessa textura de sons, cromatismos, nuances de imagens, claro-escuro em permanente mutação, mas sem nunca se definir por inteiro. O estudo de Maria Luíza Ferreira Laboissière de Carvalho, da UFG, intitulado “A enunciação em *O senhor dos desencantos*” explora em profundidade o manancial da prosa de Malu Ribeiro, em cuja obra percebe uma alternância de “de espera e de memória”, “um tempo predominantemente resgatado pela memória, pelo espírito humano e sem suporte cosmológico”. Mas há um outro tempo: o da visão, - relacionado ao presente - como quando a narradora depara-se interrogando, diante da cena de um menino de rua cheirando cola: “Que mistério é esse que nos faz tão diferentes em nossa sorte, se somos todos filhos do mesmo pai?”.

Em memória de seu aniversário

Nilson Patriota

Repousa, minha mãe, em teu jazigo,
Repousa ternamente,
Eternamente em paz.
Hei de sempre lembrar
Teu meigo olhar
Teu suave sorriso,
E a graça limpa, como a chuva fina,
Com que vivificavas no trabalho
O amor que nos davas.

Teu colo se confunde
Com a paisagem familiar da infância:
A várzea, o campo, o rio,
A vila humilde de casario antigo,
O peitoril da janela em que me debruçava.
Vejo-te jovem, regada pela chuva:
A flor silvestre em teus cabelos,
Rubra rosa aflorando-te em boca.

A brisa da manhã correndo pelo campo
Inclina a esverdinhada milhã da pastagem
Que apascenta o gado.
Ouço seu ciciar agora
Pondo o sussurro de tua voz em meus ouvidos,
E em meus olhos tristes
Os matizes das folhas molhadas.
Ah, como posso esquecer tua presença amiga
Se em minha alma infundiste
O gosto das lembranças?...
Repousa, minha mãe,

Das dores que sentiste;
Do afã, do cansaço,
Da magoada solidão dos anos.
Descansa, indiferente às incertezas
Das coisas que ainda estão por vir
Não encoves a boca num rito de tristeza
Pois não há mais sofrimento
A perturbar teus dias.

Sei que não te sentes bem sob o mármore da tumba,
Rente à terra fria
Que sorve e decompõe tua beleza,
Mas foste compensada
Pois certamente, ó mãe, já renasces nos lírios,
Nos frutos sazonados,
Nas asas da planície.

Repousa, minha mãe, nesta saudade doce
Que me entremece a alma ao me lembrar de ti.
No nicho de amor do coração de filho
Murmura a voz com que tu me ninavas
Quando da incomparável plenitude
Das claras manhãs de tua vida.

Nilson Patriota, natural de Touros, RN, é escritor e poeta. Publicou, entre outros, *Vôo de pássaro*, *Touros, uma cidade do Brasil* e *Uma canção ao entardecer*.